

Os encontros e ritmos de um bairro em construção no DF

The encounters and rhythms of a neighborhood under construction in DF

Vinicius Prado Januzzi e Lucas Ferreira Gesser



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/5522>

DOI: [10.4000/pontourbe.5522](https://doi.org/10.4000/pontourbe.5522)

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Vinicius Prado Januzzi e Lucas Ferreira Gesser, « Os encontros e ritmos de um bairro em construção no DF », *Ponto Urbe* [Online], 23 | 2018, posto online no dia 28 dezembro 2018, consultado o 10 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/5522> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.5522>

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 dezembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Os encontros e ritmos de um bairro em construção no DF

The encounters and rhythms of a neighborhood under construction in DF

Vinicius Prado Januzzi e Lucas Ferreira Gesser

- 1 Fruto de pesquisa de campo com moradores e moradoras que se mudaram recentemente para o Setor Noroeste, esse é um ensaio fotográfico sobre os ritmos do bairro em construção. As fotos, feitas em uma segunda-feira de julho de 2015, focalizam o cotidiano a partir do que se desenrola nas ruas e nos encontros entre pessoas com trabalhos, trajetórias e sonhos diferentes. De fora dos apartamentos, a perspectiva desses encontros é outra em relação a que tem os próprios proprietários de imóveis. Nas ruas, de manhã até o fim do dia, as diaristas, as babás, as empregadas, os operários, os trabalhadores informais, os comerciantes e os funcionários integram a paisagem urbana do Noroeste. Os moradores também estão presentes ao longo dia, embora aos poucos, ou porque fora do bairro, em seus trabalhos, estudos e em outros afazeres, ou porque dentro dos apartamentos, onde a câmera não os atinge. À noite, quando não há mais os encontros diurnos, o bairro fica reservado tão somente àqueles que ali compraram um lugar para viver. Se de manhã, os sons são de múltiplos tons e alturas,

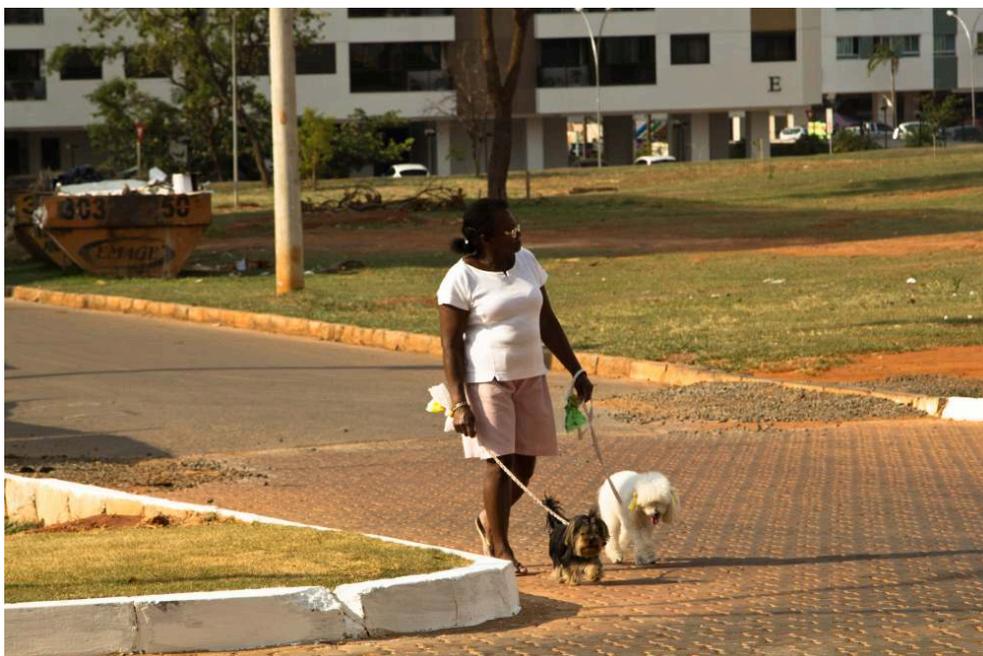
acompanhados de cores e de passos igualmente variados, com o entardecer, ficam os barulhos esporádicos e a certeza de que um novo dia que se avizinha.



Por volta das seis da manhã, os primeiros trabalhadores começam a chegar ao Setor Noroeste em ônibus fretados, em carros e em motocicletas. Nesse momento, em que as luzes ainda têm que estar ligadas, o movimento é, em sua maioria, de operários homens. Até as sete já estão de uniforme e tomaram café da manhã (pão com manteiga e café preto) nas obras em que trabalham.



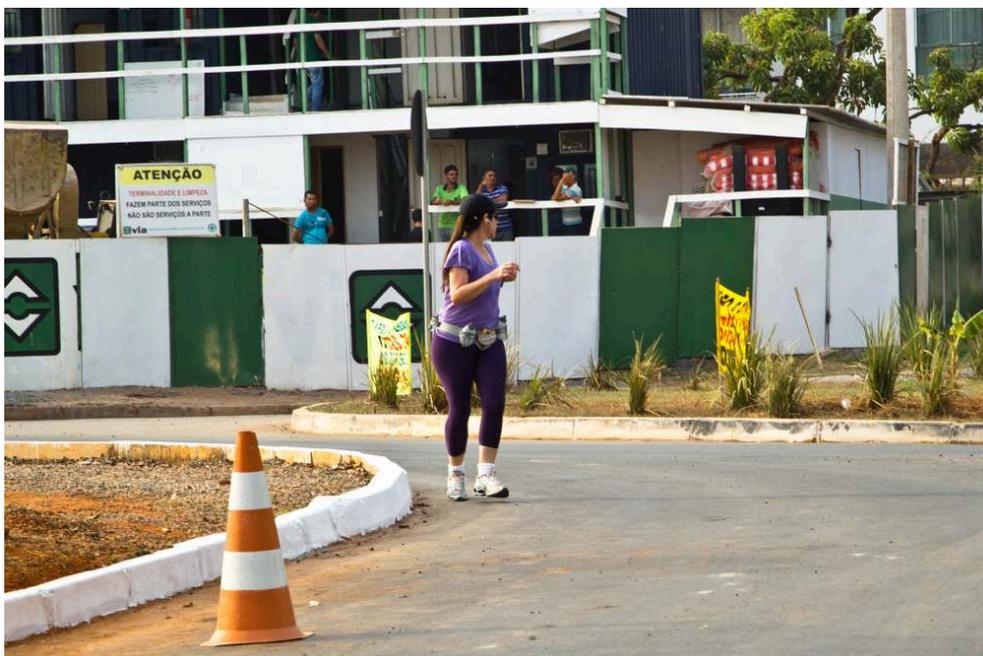
Entre sete e oito da manhã, são comuns os encontros entre os moradores e aqueles que vão para o bairro trabalhar. Nos carros estão pais, mães e filhos uniformizados para seus compromissos diários. Em geral, somente a mãe ou o pai ficam responsáveis por levar os filhos para a escola, enquanto o outro cônjuge vai direto para o trabalho ou permanece um pouco mais em casa.



Entre nove e dez da manhã, as ruas do Noroeste ganham novos agentes. Cachorros e seus latidos estão acompanhados de seus donos ou de responsáveis por conduzi-los em passeios matinais. Não raro os animais latem para os trabalhadores que executam atividades nos prédios, para os moradores que praticam alguma atividade física pela manhã e/ou para companheiros de espécie.



Babás e cuidadoras usam suas manhãs para os filhos e as filhas de seus patrões. Por volta das dez, enquanto alguns correm e outros passeiam com seus cachorros, essas mulheres brincam/trabalham com bebês e crianças nos parquinhos dos próprios blocos ou mesmo em seus pilotis. Os operários continuam em suas jornadas.



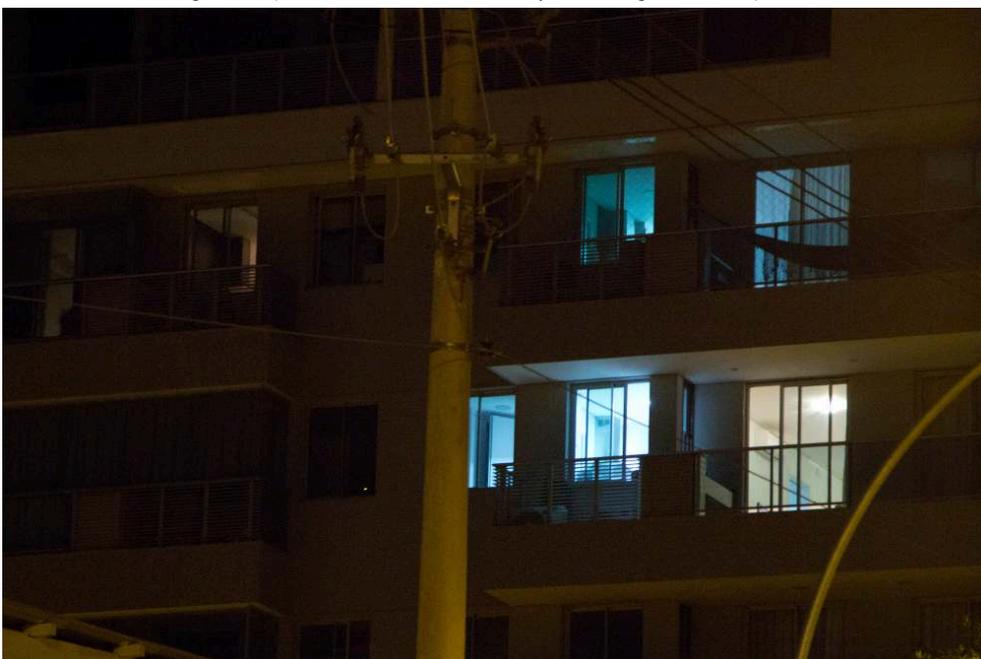
É também no intenso período da manhã que os moradores e as moradoras em geral se dispõem à prática de atividades físicas. Além das academias disponíveis em cada um dos prédios do bairro, esses atletas se valem das ruas do próprio bairro ou da pista instalada ao lado do Parque Burle Marx.



Entre onze da manhã e duas da tarde o ritmo de sons e de fluxos diminui. Os operários se juntam nos refeitórios das obras ou em pequenas tendas espalhadas pelo Setor Noroeste, onde são vendidas refeições prontas. Tão logo terminam seus almoços, alguns tiram um cochilo debaixo de sombras e outros se juntam em largas mesas para jogar dominó.



Passado o horário de almoço, os fluxos vão diminuindo até o fim do dia. Do ápice sonoro e de encontros da manhã, pouco a pouco vão ficando menos frequentes os ruídos de trabalho nas obras. Às seis da tarde, o dia no Setor Noroeste já se foi. Homens e mulheres que ali trabalham já voltaram a suas cidades de origem, enquanto os moradores começam a chegar a seus apartamentos.



A noite do Setor Noroeste é silenciosa. Nas ruas, são raras as pessoas andando ou mesmo carros trafegando. Do chão só se pode ver luzes acesas de modo esparso e ouvir alguns poucos sons de televisores e de conversas entre familiares. Às dez horas, já quase nada mais se ouve a não ser o canto dos grilos e das cigarras e os pequenos televisores dos porteiros dos prédios.

AUTORES

VINICIUS PRADO JANUZZI

Doutorando em Antropologia Social (UnB) e mestre em Antropologia Social (UnB, 2016). Trabalha com estudos urbanos, de expansão urbana e, mais especificamente, com camadas médias em Brasília. Formou-se em Ciência Política pela UnB no segundo semestre de 2013. Integra o Laboratório de Vivências e Reflexões Antropológicas: Direitos, Políticas e Estilos de Vida (LAVIVER/UnB) e o Grupo de Pesquisa Dimensões da Vida Urbana (CNPq)

LUCAS FERREIRA GESSER

Graduado em Comunicação Social - Audiovisual Ex-bolsista de Graduação Sanduíche pelo programa Ciência sem Fronteiras - Edital "Winter 2012/2013" University of Alberta - Canadá